# NATALINO FERREIRA MENDES

**(Olga Maria Castrillon-Mendes)**[6]

Fonte: Acervo de família – No lançamento de História de Cáceres, em 2009, na Câmara Municipal.

6 Professora aposentada da Unemat. Atua no PPGEL e Profletras/Unemat. É membro da Academia Mato-Grossense de Letras e do IHGC.

Natalino Ferreira Mendes nasceu em Cáceres-MT, no dia 03/01/1924, descendendo do lar de Bertholdo Ferreira Mendes e Anatália Trindade Mendes, na bifurcação da Rua Padre Casemiro, esquina com a Rua Treze, até o Sangradouro, no Bairro Cavalhada, como canta em versos:

> Nessa esquina, à direita da enxurrada,
> construíra meu pai a nossa casa de morada.
> Acordei para a vida
> nesse ponto da cidade,
> e os meus encantos de criança
> eram a chuva copiosa
> de verão
> e o consequente escachoar
> das águas correndo
> impetuosas
> barulhentas
> por sobre o calçamento irregular
> da ladeira de pedra
> da rua Padre Casimiro
>
> (MENDES, 2010, p. 14)

Faleceu na mesma cidade no dia 23/12/2011, aos 87 anos. Casado com Olga Castrillon Mendes teve seis filhos, treze netos e treze bisnetos. Fez os estudos iniciais no Grupo Escolar 'Esperidião Marques' e formou-se em Técnico em Contabilidade, na Escola 'Raimundo Cândido dos Reis', em Cáceres-MT. Agrega uma linha tênue que se liga pelos estudos da cultura mato-grossense, elegendo a cidade natal como o lócus pelo qual acessou o mundo.

Desde *História de Cáceres*: administração municipal (1973 e 2009), passando por *Marco do Jauru* (1983), *Efemérides cacerenses* (1992), *Memória cacerense* (1998), *História de Cáceres: origem, evolução, presença da Força Armada* (2010), além de publicações

avulsas e artigos veiculados na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso[7], Natalino Ferreira Mendes tece fatos e personagens da história, registrando e transcrevendo documentos dos arquivos públicos com os quais compôs seus escritos, tanto em elenco de datas quanto de crônicas, de narrativas históricas e poemas.

Da periferia da cidade ao centro de formação da mentalidade mato-grossense, construiu sua obra pela qual compreendeu o sentido sócio-histórico e cultural do povo. Teve vida longa e produtiva. Foi um raio de sol para a família, a cidade e para várias gerações de alunos. Foi também um desses homens de fé que convence pela postura e pela coerência, que busca a unidade na diversidade de pensamentos. Ao falar da Cavalhada, o bairro mais antigo da cidade, da Ponte de Pedra, do sentido de uma cidade portuária para Mato Grosso, das raízes, costumes e ocupação do município, da contribuição de Cáceres para o folclore mato-grossense, encontra luzes que ajudam a esclarecer as posturas e a mentalidade do povo. "As expressões da cultura, presentes no viver da comunidade, dão espaço para novas expressões, vindas de fora, que chamam atenção pela forma e conteúdo, diferentes das nossas." (MENDES, 1998, s/p). Uma cultura que se forma na pluralidade fruto das variadas formas de ocupação e processos migratórios.

Esse é o substrato com o qual adentrou a Academia Mato-Grossense de Letras, por incentivo do amigo, na época, vereador,

7 Destacam-se alguns: "Cáceres: 200 anos" (Tomos CIX-CX, Ano L, p. 35-36, 1978); "Ao IHGMT" (*Tomos CXIII-CXIV*, Ano LII, p. 250, 1980); "Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres: homenagem ao fundador de Poconé", por ocasião do bicentenário daquela cidade, 21/01/1981 (Jornal *Equipe*, Cuiabá, 25/01/1981 e na RIHGMT, *Tomos CXV-CXVI*, Ano LIII, p. 3-12, 1981); "D. Aquino: culto a Maria". RIHGMT, *Tomos CXXIII-CXXIV*, Ano LVII, p. 32, 1985; "Sabinada: 150 anos". RIHGMT, *Tomos CXXIX-CXXX*, Ano LX, p. 67, 1988; "Um marco na formação de Mato Grosso". RIHGMT, *Tomo CXLVI*, Ano LXX, comemorativa aos 250 anos da Capitania de MT, p. 70, 1998.

em Cáceres, Pedro Paulo Pinto de Arruda Filho. Cuidou de elaborar o seu discurso de posse, ouvindo "repetirem-se no seu íntimo palavras de fogo do Senhor a Moisés, partidas da sarsa ardente: 'Tira os teus sapatos dos teus pés, porque o lugar em que tu estás é terra santa.' (MENDES, 1987, p. 11). Bebendo sua inspiração no livro que costumava ter à mão, bastou-lhe, como para Moisés, apenas a fé: bastou saber que o Senhor estaria com ele.

Professou essa fé, somada ao húmus da terra que, mesclado às terras cuiabanas, sabiamente engrandeceu sua obra e solidificou amizades, cujos frutos colheu ao longo da sua permanência nas duas instituições mais antigas do Estado: o IHGC e a AML.

Pergunto se o exercício diuturno como diretor e professor do *Colégio Onze de Março*, que ajudou a fundar, juntamente com o também idealista Capitão Cândido Nunes, do 2º Batalhão de Fronteira, aliado às extenuantes funções na administração municipal de Cáceres, moldou o seu caráter, a sua visão de mundo, a sua paixão pela terra?!

Nos lugares de memória que exploro é possível divisar imagens do homem público que exerceu a função de auxiliar-protocolista do Tesouro do Estado de Mato Grosso; diretor e professor de português do 'Instituto Onze de Março' e Secretário de Administração, de Educação e Desenvolvimento Social e Chefe de Gabinete da Prefeitura Municipal de Cáceres, por mais de três décadas, sempre atento aos documentos com os quais se constituiu garimpador-de-acervo e autodidata. Pela pesquisa encontrou o sentido da própria existência e manteve-se firme na condição de pai e mestre para os seus descendentes. Apregoava a crença no homem e no mundo pela voz e pela pena, na ponta

da qual surgiram os poemas de louvor à vida e à terra natal, como na *Lenda da Princesa do Paraguai*, cuja letra foi musicada pelo Grupo Raízes, de Cáceres.

> Descia o rio dos Paiaguás
> princesa linda das terras diamantinas
> do alto Paraguai.
> Vinha de longe, muito longe,
> num airoso barco ornado
> de Vitórias-Régias...
> – Seu nome ninguém sabe.
>
> Encantada com a visão
> das terras que se espraiam
> desde o rio
> até a Serrania Azul
> do lado que o sol nasce,
> à praia abicou
> no ponto em que o Paraguai
> graciosa curva descreve
> antes de procurar o sul. [...]
>
> Em êxtase ficou
> voltada para o poente...
> Alguns naturais acorreram
> e, plantando suas choças
> de folhas de palmeira,
> fizeram-lhe a corte.
>
> Assim nasceu Cáceres, a princesa do alto Paraguai.
> (MENDES, 1993, p. 16).

Presentificam-se, na epopeia romântica que funda a cidade, as raízes do fabulário, aliadas às fecundas pesquisas em documentos oficiais com que construiu a base da sua produção. Bebeu na fonte escorreita da escrita de Machado de Assis e D. Aquino Corrêa, autores que o acompanharam por toda uma vida produtiva de leitura e reflexão.

O conjunto da obra o imortalizou em variados lugares

de memória, como a Escola 'Professor Natalino Ferreira Mendes', os Auditórios da Fundação Cultural de Cáceres e da Faculdade do Pantanal/FAPAN; os trabalhos de pesquisa publicados nas Revistas dos Institutos Históricos e Geográficos de Mato Grosso e de Cáceres (IHGMT e IHGC) e na Academia Mato-Grossense de Letras/AML, nesta última atuante por 24 anos. Em todas as Instituições fez veicular os escritos mais importantes sobre sua gente e sobre a história de Cáceres, cujos feitos contou e cantou nos gêneros de crônica, como em *Memória Cacerense* (1998), e da poesia, *Anhuma do Pantanal* (1993) e *Pássaro vim-vim* (2010), sua última publicação em vida.

Entre a história e a *poiesis*, o discurso da/sobre a cidade exala o fascínio sobre os pioneiros, os símbolos perenes (e silenciosos) da memória e, principalmente, do povo e das riquezas culturais que produz. Hoje, revisitamos a história através das pesquisas que reverberam o verdadeiro sentido da imortalidade.

Cedinho levantam-se elas
as lavadeiras
(da minha infância).
Preparam o 'quebra-torto'.
Das roupas a lavar
fazem trouxas,
munem-se de sabão, anil e porrete.
Tudo posto na bacia
- alvissareiras –
seguem para o rio
As lavadeiras.

Lá dividem-se em setores
no porto preferido:
– Furadinho
Malheiros
Fonseca
Dom Thomaz
Carne Seca. (MENDES, 2010, p. 10).

A poética, aliada à narrativa histórica, como escrevi no prefácio do livro de poemas *Pássaro vim-vim*, e reproduzo em parte aqui, é a chave que interpenetra palavras plurais, definindo certo tom de diálogo com a memória do leitor. Modulam as frequências do coração em profusões telúricas de modo que não é de saudade que fala, mas de resíduos de lembranças que estão coladas nos compassos da vida. Há, então, certa juventude eterna e irreprimível nos versos que brotam do canto do pássaro-poeta. Essa poesia é o cântico à natureza e à cidade. O lirismo empresta ao tom memorialista um novo matiz. Toda a memória com cheiro e cores de infância reflete a alma de poeta romântico. Num desfilar de aves, cantos e rumores de lembranças remetem aos mais remotos pontos da cidade: na "ladeira de pedra", no "beco das oliveiras", na "capelinha em ruína", no "campanário da matriz", onde Cecilinho comunicava vida e calor aos seus sinos. Evoca o que conhece e exalta, elegendo o motivo do seu canto. O poeta não quer apenas gravar a música do passado, mas sugerir-lhe o movimento, as sensações táteis e emotivas, todas testemunhas derradeiras da memória. Todos emblemas que já se fizeram presentes em *Anhuma do Pantanal*, publicado em 1993.

Como objetos desse poder linguístico estão a "mangueira deitada", a vetusta piuveira do sangradouro, a draga fundeada no porto da Serraria Castrillon, o porto novo no velho ancoradouro do Fonseca, a Ilha de Cáceres, o Marco do Jauru, a Tapagem, o cumbaru de ouro, a casa da panela, o carro de bois, o vapor Etrúria, o lampareiro, o poaieiro, o pé-de-garrafa... filigranas delicadamente entrelaçadas, tecendo o curso da existência. O universo todo cabe no pedaço de chão do Pai Congo, do Padre Mira, da lavadeira Nhá Luiza, do Padre Paulo, do Silva Freire, do mano Nelson, todos, como o próprio poeta,

transformados em estrelas.

O canto dos pássaros pantaneiros, assim, é a respiração do universo e traz para o poema os mais diversos sons, nele imprimindo um tenaz e contínuo movimento – metáfora da vida e dos sentimentos. A poesia tem luz, som e movimento, mobilizando os sentidos. Existe um quadro, um concerto, fenômeno de interação entre o homem e o ato recriador, permeado pelo divino, como acreditava.

O seu universo era a própria cidade, cuja ligação o transformou no homem-chão. Não viajava, pois se atravessasse a Ponte Marechal Rondon ou o Trevo de São Luiz, já sentia saudades. Permaneceu nos (des)limites do rio e no encontro de caminhos da entrada da cidade, forjado pelo *silencio orgânico* das palavras. Fez do sentido de pertencimento o sentido da própria existência.

Por várias vezes foi homenageado com diplomas, comendas e mérito legislativo e acadêmico, sem nunca perder a natural simplicidade. Participou ativamente da vida na comunidade, contribuindo com a criação de várias instituições, dentre elas a APAE, o Hospital *O Bom Samaritano*, o IESC (embrião da UNEMAT), o Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres, dentre outras, seguindo a linha proposta por Rubens de Mendonça no prefácio à *História de Cáceres* (1973 e 2009): da escrita da história do Brasil a partir das várias regiões culturais que compõem a sua imensa geografia.

Desta forma, plantou sementes que fecundaram amizade e admiração sinceras. Neles e em todos os que compõem o campo intelectual do Estado, temos configurado o quadro sistêmico da cultura brasileira produzida em Mato Grosso.

Nessa necessidade histórica de renovação e

compreensão da memória do meu Patrono, acesso o mundo a partir da Vila Maria do século XVIII, surgida da atuação de Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, o 4º Capitão-General da Província de Mato Grosso, do tempo da demarcação das fronteiras entre Cuiabá e Vila Bela; da cata do ouro e da preação do indígena; das posteriores entradas bandeirantes e expedições científicas; do comércio da poaia com o mundo, das figuras lendárias do poaieiro, do sertanejo e do boiadeiro. Entre as fechadas matas e o feraz[8] Pantanal a terra produz e se estende pelos vastos campos de agricultura e pecuária. O Brasão inserido na Bandeira cacerense anuncia sua vocação: *Ad Sum* (Presente). Responde ecoando os antigos sítios históricos (Jacobina, Caiçara, Ressaca, Descalvados); a Igreja Matriz, o rio Paraguai e seus afluentes: Sepotuba, Jauru e Cabaçal; a memória das ruas (13 de Junho, Maravilha, Tapagem, Frei Ambrósio); dos Colégios Sant'Ana, Grupo Escolar, São Miguel, Rodeio, São Pedro, Garcez); o Cemitério São João Batista (pelo qual o Acadêmico Luiz-Philippe Pereira Leite nos levou e compreender a saga da Fazenda Jacobina); os Leões do Porto Mário Corrêa (dos quais só se guarda a memória oral e poucas imagens); os lampiões de rua; a presença do Marechal Rondon (concluindo mais um trecho da extensão da linha telegráfica em direção ao Amazonas), e tantos outros fatos e personagens que compõem a galeria dos que ajudaram a construir a história da Vila Maria e da cidade de Cáceres. Como diz o memorialista:

> Mas a gente, que para cá se deslocara, lançou-se à luta e da exuberância deste solo tirou a subsistência, fazendo, do excedente, lucrativo comércio, baseado no tripé da sustentação: agricultura, pecuária e extrativismo animal e vegetal. Hoje, passados tantos anos, voltamos ao

8 Termo utilizado pelo poeta no Hino a Cáceres.

> ponto de partida em novas dimensões: Cáceres projeta-se no cenário mato-grossense, nacional e mesmo internacional, pela inigualável posição que ocupa o cruzamento de estradas, na cabeceira do Pantanal e com o potencial telúrico de que dispõe. Volta a ser, como queria Albuquerque, uma porta de comunicação não só com São Paulo, mas com o mundo. Tanto cresceu Cáceres nos anos setenta, que houve a grande explosão, dividindo-se o nosso vasto território em novos centros de produção e comércio, formando a constelação de municípios que povoam e civilizam a região sudoeste de Cuiabá. (MENDES, 1998, p. 30-31).

Em muitos aspectos a cidade se transformou, sofreu as crises do abandono e a sua tradição bicentenária grita pela recuperação do notável patrimônio material e imaterial. Novas investidas e novas posturas clamam por atitude cidadã e projetos verticalizados, como os que já acontecem relacionados ao Patrimônio Histórico da cidade.

Descubro, então, entre o legado da memória oral e escrita do meu Patrono, quatro faces do seu labor intelectual: do cronista-historiador, do professor-pesquisador, do pássaro-poeta e do menino-do-mato. Todos forjados na rica experiência do lar paterno, no contato com a sala de aula e na administração pública, em cuja base corria a seiva do amor. Exercitava e pregava o maior, o mais difícil dos mandamentos: "amar ao próximo como a si mesmo". Ao final da vida fez surgir a figura do menino voltado para raízes morroqueanas. Na lida com a terra, de onde brotaram as flores que ornamentam esta cerimônia, nas conversas com o boiadeiro e na contemplação muda do etéreo reafirmou a fé nos homens e compôs hinos de louvor à vida.

> Além da morte
> [...]
> Da fronde de copada árvore,

Em cuja sombra estou,
Folhas caem.
Folhas verdes...
Uma após a outra vão caindo,
Sucumbindo.
Mas a árvore, essa é a mesma,
Viçosa, viridente,
Copa voltada para o firmamento,
Estuante de vida,
Esperançosa de frutos.

Na própria natureza uma lição!
O que interessa é a vida!

– Mas, que é a vida?

Ao discípulo que lhe pediu
Para ir primeiro enterrar o pai,
Jesus responde:
– "Segue-me e deixa os mortos
Sepultar seus mortos".
Quem se ilude?
Jesus é a vida!
– Vida que não admite a morte,
Porque em Cristo ninguém morre.

(MENDES, 1993, p. 86)

Dessas profundas origens brotaram o cantor da terra, o visionário e o educador em busca incansável da compreensão do mundo e da consciência do dom divino que a tudo governa. Da diuturna dedicação às leituras de documentos, a produção constante em prosa e verso que ficará para além de si mesmo.

O que foram, então, os 87 anos de vida perante o tempo do universo...?! Diria o confrade/amigo Silva Freire, que o recebeu solenemente na AML: "é chuvisquinha, aspectos d'água sem punhos do tempo, pois não se tapa o passado, goteira-o por entre dentes". E é goteirando nos espaços simbólicos guardiões dos secretos motivos que unem as almas das pessoas, que se

busca definir a existencia (i)material de Natalino Ferreira Mendes que não cabem num único olhar, mas na somatória de olhares múltiplos dos que continuam a reverberar sentidos sobre a sua função social e produção intelectual.

**Referências**

MENDES, Natalino Ferreira [1973]. *História de Cáceres*: administração municipal. Cáceres: Ed. Unemat/Fapemat, 2009.

_____. *Anhuma do Pantanal*: poesia da terra. Passo Fundo/RS: Ed. Pe. Berthier, 1993.

_____. *Discurso de posse na Academia Mato-Grossense de Letras*, 06/03/1987 (separata).

_____. *Memória cacerense*. Cuiabá: Ed. Carlini & Caniato, 1998.

_____. *Cururu*, 1998 (inédito).

_____. *Pássaro vim-vim*: poesia da terra. Cáceres-MT: Ed. UNEMAT, 2010.

**Fontes:**

CASTRILLON-MENDES, Olga Maria & MENDES, Luís César Castrillon. Natalino Ferreira Mendes e a poesia da história: Cáceres e Cuiabá nos caminhos da produção intelectual. *Revista eletrônica* Documento/monumento. Cuiabá: NDHIR/UFMT, n. 25, 2019, p. 111-124.

_____. O marco e o poeta no discurso histórico-literário. In: Arruda, E.; Chaves, O. R. *Cáceres*: História e memória. Cáceres. Ed. Unemat, 2011, p. 216-228. Uma versão do texto, com o título 'O monumento, o poema, a memória' está publicada em *Revista dos 95 anos da Academia Mato-Grossense de Letras*. Cuiabá, 2016, p. 260-264.

_____. Vozes da/na cidade: intervenções imagéticas e literárias. Comunicação no 56º CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS/ICA. Salamanca/Espanha, julho/2018.

GONÇALVES, Elson & SILVA, Antonio Sidney de Miranda. *Cidade, história e memória*: experiência de pesquisa a partir do centro histórico de Cáceres. TCC apresentado ao Instituto Panamericano de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos/EJA. Cáceres-MT, 2013.

OLIVEIRA, Maria Elizabete Nascimento de. & MIRANDA, Luciane Maria. *Letramento literário no fazer educativo*: as reminiscências do pássaro vim-vim. Uma versão do texto encontra-se em XXVI ANAIS ELETRÔNICOS EM LÍNGUA, LINGUÍSTICA E LITERATURA NO NORDESTE: uma jornada de quase 40 anos do GELNE. s/d.

**Resumindo:**

**Cargos e Funções:**

**Atividades profissionais**: no âmbito profissional, exerceu os seguintes cargos: Auxiliar-protocolista do Tesouro do Estado de Mato Grosso; Diretor e professor do Instituto 11 de março, curso primário, particular, em Cáceres-MT; diretor e professor de português do Colégio Estadual Onze de Março (Cáceres-MT) e do Colégio Imaculada Conceição; Secretário de Administração, de Desenvolvimento Social e Chefe de Gabinete da Prefeitura Municipal de Cáceres.

**Filiação a Instituições**: além da Academia Mato-grossense de Letras, pertenceu às seguintes entidades: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres-MT, como sócio efetivo, sendo que desta última é Presidente de Honra e Patrono de Olga Maria Castrillon Mendes.

**Insígnias**: pelos seus méritos, competência e serviços prestados a Mato Grosso, foi agraciado, dentre outras, com as insígnias de Ordem ao Mérito Legislativo de Mato Grosso (Comenda Senador Filinto Müller) , (1984); Ordem ao Mérito de Mato Grosso no Grau de Cavaleiro (1990); Diploma colaborador Emérito do

Exército, Campo Grande-MS (1994); Medalha do Pacificador – Ministério do Exército (1995); Moção de louvor da Câmara Municipal de Cáceres, pelo lançamento do livro *Memória Cacerense*, (1999); Diploma Amigo do Batalhão (1999); Medalha do Mérito Maçônico, Grande Oriente do Brasil (2001); Mérito universitário pela relevante contribuição ao desenvolvimento da cultura e serviços prestados à UNEMAT, em 07/2009; Mérito Acadêmico pela relevante contribuição para desenvolvimento da educação e cultura de Cáceres-MT, conferido pela UNEMAT, em 11/2009, além de Moção de Louvor de Escolas de Cáceres.

**Produção:**

*Cáceres: 191º ano de fundação*. Cáceres: 1968 (inédito).

*O município de Cáceres: história, situação, problemas e soluções*. Palestra proferida no 2º BFron, 1973 (inédito).

*História de Cáceres* (Tomo I): História da administração municipal. 1 ed. Cáceres: Ed. do autor, 1973.

*Cáceres: 200 anos*. Revista do IHGMT, 1978.

*Ao Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*: comemorativo aos 60 anos da Entidade. Revista do IHGMT, 1980.

*Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres*. Homenagem ao fundador de Poconé, por ocasião do bicentenário daquela cidade. Revista do IHGMT, 1981.

*Marco do Jauru*, 1983 (folheto).

*Dom Aquino*: Culto à Maria. Revista do IHGMT, 1985.

*Discurso de posse na Cadeira nº 15 da AML*, 1987 (folheto).

*Cáceres: raízes, costumes e ocupações*, 1988 (inédito).

*História de Cáceres* (Tomo II): origem, evolução, presença da força armada, 1992, no Suplemento do Diário Oficial do Estado de MT (publicado em folheto, em 2010).

*Efemérides cacerenses*. Vol. 1. Brasília: Gráfica do Senado, 1992.

*Anhuma do Pantanal* (poesia da terra). Passo Fundo-RS, Pe. Berthier, 1993.

*Cururu*, 1998 (inédito).

*Cáceres: consequência do Brasil grande*, 1998 (inédito).

*Memória cacerense*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 1998.

*Um marco na formação de Mato Grosso*. Revista do IHGMT, 1998.

*Comemoração do centenário de nascimento de Dr. Leopoldo Ambrósio Filho*, 1999 (inédito).

*História de Cáceres: administração municipal*. 2 ed. Cáceres-MT: Ed. Unemat, 2009 (apoio FAPEMAT e IHGC).

*História de Cáceres*: origem, evolução, presença da força armada. Tomo II. Cáceres-MT: Ed. Unemat, 2010 (apoio FAPEMAT e IHGC).

*Pássaro vim-vim* (poesia da terra). Cáceres-MT: Ed. Unemat, 2010 (apoio FAPEMAT e IHGC).